

3. Análise descritiva dos dados

3.1 Considerações iniciais

Aprender o conjunto de estruturas negativas produzido em uma língua estrangeira implica adquirir um conhecimento não só formal das estruturas morfossintáticas - o que leva à competência lingüística – mas simultaneamente (re)conhecer o valor sócio-discursivo dessas mesmas estruturas na interação verbal, bem como desvendar o processo de construção implícito de estruturas outras que apresentam valor de negação sem que nelas estejam inseridos qualquer elemento formal que possa caracterizar algum tipo de negação.

Importante, ainda, é ressaltar que tais estruturas morfossintáticas, típicas de um conjunto reconhecido pela tradição gramatical como de negação, muitas vezes não negam nenhuma parte do discurso – o que aponta para a dificuldade conceitual em relação aos atos de negar.

Neste capítulo, apresentamos 1) o conceito de negação em PLM e em PLE a partir da análise de gramáticas destinadas ao ensino de ambos e de estudos lingüísticos que tratam a negação do ponto de vista discursivo e 2) a categorização tipológica dos processos de produção de sentido negativo que encontramos em nosso *corpus*. Esta categorização permite-nos observar que os atos de negar são ocorrências que vão além do nível morfossintático dos enunciados, apresentando-se, muitas vezes, em produções lingüísticas compreendidas, muitas vezes, exclusivamente no nível pragmático.

3.1.1 O conceito de negação em PLM

Os atos de negar não são apresentados nas gramáticas de cunho tradicional, manuais de ensino e livros didáticos de PLM e de PLE de maneira satisfatória, ou seja, essas obras não apresentam uma descrição da língua que leve em consideração o real funcionamento das formas lingüísticas em seus diferentes contextos de realização. Não há nenhum apontamento para a possibilidade, por exemplo, de um elemento como o *não* estar destituído de valor de negação.

No processo de construção dos atos de negar do português falado do Brasil há, como apresentaremos na tipologia a seguir e no próximo capítulo deste

trabalho, uma série de aspectos que extrapolam os níveis meramente lingüísticos de realização das intenções dos falantes.

As gramáticas normativas e manuais de ensino de PLM, além de apresentarem lacunas na descrição dos recursos formais utilizados pelo falante para expressar a negação, sequer mencionam a questão discursiva envolvida na realização dos atos de negar. Tratado de modo insatisfatório pelos autores das gramáticas e manuais de ensino, o assunto é apresentado a partir da análise, no nível sentencial, dos chamados elementos formais de negação.

Frase é uma unidade verbal com sentido completo e caracterizada por entoação... Há cinco tipos de frases: a) Declarativa - com a qual enunciamos um juízo a respeito de alguma coisa, ou pessoa:

Por fim, o sol escondeu-se.

Iracema saiu do banho.

Deus é perfeito....

*A frase será, ainda, afirmativa, ou **negativa**, conforme nela se afirme ou negue alguma coisa...*

(Lima, 1994: 232-234)

Oração é a unidade do discurso... A oração pode encerrar: a) a declaração do que observamos ou pensamos (oração declarativa com entoação assertiva):

O dia está agradável.

Amanhã iremos à praia.

***João ainda não chegou.** (grifo nosso)*

(Bechara, 1994:194; 198)³

Bechara (2001: 407) não trata da oração apenas como unidade do discurso, mas sim como um enunciado que, pela sua estrutura, *representa o objeto mais propício à análise gramatical*. O autor, ainda, acrescenta que a curva de entonação é o fator mais importante na evocação da modalidade de intenção

³ Bechara (1994) não diferencia frase de oração, apresentando na 3ª parte de sua gramática, Sintaxe, diretamente a sua tipologia de orações: assertiva, interrogativa, exclamativa e suspensiva ou pausal. É importante, ainda, ressaltar, que o autor aponta para a importância da situação e do contexto de realização das orações: "No intercâmbio de nossos pensamentos desempenham relevante papel a situação e o contexto. Entende-se por SITUAÇÃO o ambiente físico e social onde se fala; CONTEXTO é o ambiente lingüístico onde se acha a oração. Situação e contexto são estímulos decisivos para a melhor aproximação entre falante e ouvinte ou escritor e leitor. Através destes estímulos falante e ouvinte se identificam numa situação espacial e temporal, e a atividade lingüística atinge seu objetivo com um simples vocábulo ou fragmento de oração.(op. cit. 196).

comunicativa do enunciado que o falante quer transmitir. Assim, o enunciado pode expor uma idéia afirmativa ou negativa.

O assunto também é encontrado na apresentação dos recursos formais caracterizados nas classes dos advérbios e dos pronomes indefinidos e, ainda, nas palavras denotativas:

*Advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc)... e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:... **negação**:
Não lerá sem óculos.*

(Bechara, 2000: 287)

*Pronomes indefinidos são palavras que se aplicam à terceira pessoa gramatical quando esta tem sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada...**ninguém...nada... nenhures...nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhuma...***

(Lima, 1994: 114-115)

*Palavras que indicam afirmação (sim, certamente, com efeito), negação (não, qual nada)... não exprimem nenhuma circunstância, razão pela qual não se podem considerar advérbios. **Especialmente quanto à partícula NÃO, cabe observar que ela incide sobre quaisquer palavras que queiramos marcar negativamente:**
Não viajarei amanhã.*

A não observância da lei.

O eu e o não eu, etc.

*Algumas destas palavras e locuções antes modificam a frase em sua totalidade do que ao verbo em particular, manifestando-se, por meio delas, **uma apreciação** da pessoa que fala...Chamam-se palavras **DENOTATIVAS**.(grifos nossos)*

(Lima, 1994: 177)

No que diz respeito ao uso do termo *não* em respostas, Bechara (2001: 288) afirma que o referido item lexical deixa, neste caso, de ser advérbio e passa a ser um substituto de oração (pro-oração ou pro-texto). Esta informação é importante porque nela observa-se que a tradição gramatical parece iniciar um tipo de descrição da língua em que se considera o fato de não podermos classificar

um determinado termo isoladamente, fora de contexto, e que, conseqüentemente, a análise deste item dependerá de fatores não só gramaticais mas enunciativos e/ou discursivo. A abertura deste espaço sobre o tratamento do *não*, em uma gramática descritiva e normativa, parece-nos o início de um árduo caminho a ser percorrido no ensino de PLM sobre um aspecto, entre muitos, relacionado à construção dos atos de negar.

Castilho (2002: 109), em trabalho realizado sobre a língua falada no ensino de português no Brasil, afirma que os itens lexicais, tradicionalmente denominados advérbios, são elementos predicadores, ou seja, elementos que têm a propriedade de “tomar por escopo um termo do enunciado, ou mesmo um participante do discurso, dando-lhe uma contribuição semântica”. Este grupo de palavras com valores adverbiais se distingue em duas classes: a dos advérbios predicativos e dos advérbios não-predicativos.

Os elementos que constituem o grupo de advérbios portadores de significação negativa (*não*, *nunca* e *jamaiz*) são considerados, segundo o referido autor, não-predicativos, visto que negam toda a sentença ou constituintes dela e comparam as proposições próximas em virtude de seus valores de verdade (id. ibidem, citando Ilari *et alli* 1990: 93). Com esta distinção, Castilho (2002) parece descartar a possibilidade de encontramos a modalidade deôntica em enunciados interrogativos negativos, pois afirma que tal modalização apenas ocorre com advérbios predicativos. Segundo o próprio Castilho (2002: 110), os modalizadores deônticos exprimem que “o estado de coisas avaliado é considerado como algo que deve acontecer”, apontando como representantes deste grupo de advérbios, os itens lexicais *obrigatoriamente* e *necessariamente*.

No entanto, Pinto (1994: 96-97) nos mostra claramente que há enunciados construídos com elementos formais de negação em estruturas interrogativas negativas com sentido afirmativo que apresentam a modalidade deôntica. Vejamos os exemplos do autor:

Não é verdade que não se pode tomar uma decisão com a cabeça quente?

Você não acha que tem de sair agora?

Você não sabe que é proibido fumar aqui?

Não te disse para sair daqui?

Quantas vezes te pedi para não fazer isso?

A modalidade deôntica, segundo Pinto (1994: 108-109), não se limita ao simples fato de que o estado de coisas **deve** acontecer. Esta modalidade se manifesta de forma que o estado de coisas pode ser *obrigatório* (ter que fazer/ser ou não poder não fazer/ser), *permitido* (não ter que não fazer/ser ou poder fazer/ser), *proibido* (ter que não fazer/ser ou não poder fazer/ser) ou *facultativo* (não ter fazer/ser ou poder não fazer/ser). Assim, o tipo de modalidade deôntica irá se manifestar, sobretudo, em virtude da escolha do modo verbal ou dos auxiliares modais utilizados pelo enunciador.

Estas considerações sobre a modalidade deôntica objetivam reafirmar, de acordo com as nossas hipóteses acerca do conceito de negação e da forma como os atos de negar se realizam, que os chamados advérbios de negação, bem como dos demais itens lexicais de valor negativo, ainda que tratados do ponto de vista enunciativo, necessitam de uma análise descritiva tão cuidadosa quanto possível. A forma de realização das construções com modalizadores deônticos deve ser analisada considerando-se não só os elementos formais de negação nelas inseridos, mas os elementos que os acompanham. Obrigar, permitir, proibir ou tornar facultativo uma determinada ação representa estados de coisas que, em uma negociação discursiva, estão ligados diretamente aos aspectos envolvidos nos processos reveladores de atos relacionados à preservação ou à ameaça à face.

Na *Gramática de Usos de Português*, Neves (2000) apresenta, de forma bastante exaustiva, um capítulo sobre a negação, numa perspectiva sintático-semântica e pragmática. A autora define a negação como um processo formador de sentido, que age como instrumento de interação dotado de intencionalidade. E afirma, ainda, que este processo também é um recurso argumentativo (ou contra-argumentativo) (cf. op. cit. 285).

A autora apresenta a partícula *não* como elemento básico que opera o processo da negação e, em seguida, apresenta uma descrição detalhada de outros elementos formais que apresentam valor negativo, tais como os elementos adverbiais *nunca* e *jamais* e pronominais *ninguém*, *nada* e *nenhum* que atuam como quantificadores negativos. O elemento *nem* é descrito como um elemento não só de natureza adverbial mas também como uma conjunção coordenativa que ocorre entre segmentos de valor negativo.

A preposição *sem*, por sua vez, inicia sintagma adnominal ou adverbial e se articula a outro sintagma - não oracional ou oracional. Segundo Neves (2000: 288), este elemento opera a negação por privação exclusão e pode distinguir-se em dois tipos de construção iniciando oração:

- 1) *A gargalhada explodiu SEM QUE Geraldo lhe percebesse a razão* (a oração principal é afirmativa) - SEM QUE = não percebeu
- 2) *Isso não pode ser feito SEM QUE haja ressentimento de privilegiado* (a oração principal é negativa) - SEM QUE = se não houver

Neves (2000) apresenta o adverbial *nem* como um elemento que não nega neutramente como o *não*, *já que ele tem um componente de significado restritivo que coloca a porção do enunciado negada como um extremo a que se chega nesse ato de negar*. Vejamos os exemplos apresentados pela autora (op. cit. 292):

Nem te conto!

Se eu tivesse voltado ia ser fogo. Já pensou? NEM brinca.

Alguns verbos de significado negativo também são apresentados pela autora, como *recusar*, *impedir* e *abster-se de* que *constituem negações particulares de outros lexemas de significado oposto afirmativo*. (op. cit. 292-293)

No que diz respeito aos níveis de manifestação, a negação no nível sintático-semântico se distingue em primeiro lugar nas relações estabelecidas na negação predicativa. Esta negação, do ponto de vista sintático, pode ser oracional (*NAO havia pavor em sua voz*) ou de constituinte (*Sai-me bem, o NÃO CRIMINOSO foi absolvido...*).

A negação de relação semântica, além da negação de relação predicativa, pode se manifestar em qualquer outra relação existente entre os constituintes da oração. Segundo Neves (2000: 301),

nesse tipo de negação ocorre uma correção, que pode constituir uma refutação (posterior ou prévia), marcando esse emprego como particularmente implicado na atividade argumentativa.

Fica bastante claro que a força entonacional que seja colocada em determinado constituinte do enunciado deve marcar a afirmação (ou a aceitação) de um constituinte e a negação(ou a refutação) de outro.

Um exemplo apontado pela autora para representar este tipo de relação semântica pode ser observado abaixo:

NÃO te tratava como mãe, e SIM como madrasta.

Neste caso, *nega-se que um dado constituinte mantenha com o resto da oração um particular vínculo semântico*.(cf. op. cit. 302). O que é negado na primeira parte da oração é afirmado e, portanto, corrigido na segunda.

No nível morfológico, Neves (2000: 305) apresenta a negação prefixal, estabelecida não só por meio de prefixos negativos gramaticalizados como *-a*, *-des* e *-in*, mas de elementos outros de valor negativo ainda não-gramaticalizados como prefixos, tais como os elementos *NÃO* (*não-contradição*) e *SEM* (*sem-terra*).

Neves (2000: 307) trata, ainda, da coocorrência com indefinidos na negação predicativa oracional. Segundo a autora, dentro do âmbito da negação, o mais comum é que sejam utilizados indefinidos negativos. Vejamos, entre outros, alguns exemplos apresentados pela autora:

Mas essa desconfiança NÃO tem NENHUM sentido, Caio!
NENHUM dos dois disse palavra ALGUMA..
SEM querer esperar por comentário ALGUM, retirei-me da sala.

Com relação aos indefinidos positivos, o uso fica restrito a classes particulares de contextos negativos. Vejamos:

NÃO haveria risco de acordar NINGUÉM.
JAMAIS alguém pensou penetrar no grande Museu dos Membros amputados.
NINGUÉM vai querer participar de algo que seja simplesmente perder dinheiro, jogar dinheiro fora.

O indefinido UM, numa oração negativa, quando precedido do elemento SEQUER, segundo Neves (2000: 308), é utilizado com valor negativo:

*O senhor não perderá **SEQUER UM** dia de vendas.*

No que diz respeito ao grau dos adjetivos, em contextos particulares de expressão de polaridade positivo/negativo, Neves (2000: 309) apresenta as combinações de elementos negativos com superlativos do tipo:

- **menor/o mínimo + substantivo** - ***NÃO quer ter o menor trabalho;**
NÃO tenho o mínimo interesse em conhecer os detalhes.*
- **o mais** (+ **adjetivo** com significado ligado a pequena quantidade, a insuficiência, a carência etc.) - *Mas **NÃO** paire sobre os vossos espíritos **a mais LIGEIRA DÚVIDA**..*

Os enunciados interrogativos negativos, em geral, não estão, segundo Neves (2000), associados a nenhum valor de verdade.

*Seja afirmativo seja negativo, ele constitui uma solicitação do locutor ao interlocutor para que este atribua um valor de verdade à proposição dele...um enunciado interrogativo não é, a rigor, nem positivo nem negativo, já que o elemento negativo ocorrente em um **enunciado interrogativo** não significa o mesmo que significa em um **enunciado declarativo**.*

(op. cit. 310)

A autora apresenta os enunciados interrogativos negativos do tipo **não é?**, **não?**, utilizados em final de oração, como aqueles que comportam uma expectativa marcadamente positiva. Esta expectativa pode ser marcada pela entonação (com elevação final da voz no final da interrogação) ou pelo uso de um reforço negativo.

*Vocês se amarraram mesmo nesse negócio de proteínas, **NÃO É?***

*Você sabe por que nós estamos aqui, **NÃO?***

Os enunciados com elemento de negação e com valor positivo também são apresentados por Neves (2000).

*Em certos **enunciados exclamativos** construídos com **quantificador** - especialmente de sentido temporal - ocorre o elemento **NÃO**, exatamente como no caso de uma **negação predicativa oracional** normal, mas a negação não diz respeito à relação entre sujeito e predicado. Pelo contrário, essa relação não é questionada pela negação, e o efeito é o de uma **oração** positiva, podendo a **negação** ser entendida como uma **negação retórica**.*

(op. cit. 312)

Esta negação retórica, segundo Neves (2000) não provoca os efeitos semânticos, sintáticos e pragmáticos que a negação predicativa oracional provoca. Vejamos alguns exemplos apresentados pela autora:

*Jean Gabin, quantas vezes o Jean Gabin **NÃO** fez essa operação!*

*Quantos hóspedes **NÃO** chegaram depois que você está aqui?*

Ainda com valor positivo, a autora apresenta enunciados interrogativos-exclamativos iniciados por **não é que**. Estes enunciados criam efeitos de verificação de um fato, e equivalem a enunciados assertivos positivos (op. cit:313).

*E **NÃO É QUE** foi aquele diabo que me deu forças?*

Por outro lado, há, segundo Neves (2000) enunciados de valor negativo sem elemento de negação.

*Ao contrário dos **enunciados exclamativos** com **negação retórica**, há **enunciados exclamativos** que não abrigam elemento de negação mas têm valor negativo. São enunciados como , por exemplo*

***Como se** alguém pudesse "forçar" padre Luís a fazer alguma coisa !(A)*

*Nos quais a **noção contrafactual** é responsável por essa interpretação negativa (=Ninguém pode "forçar" padre Luís a fazer alguma coisa!)*

(op. cit. 314)

Neves (2000: 316-317) apresenta também uma considerável lista de expressões fixas negativas, com elementos formais de negação, como

Não dar a mínima

Não fechar os olhos

Não abrir a boca

Não mover uma palha,

e de expressões adverbiais negativas usadas para a reforçar a negação, como

de modo algum/nenhum

de maneira alguma/nenhuma

de jeito algum/nenhum

de nada

por nada

por nada do/deste mundo.

A autora chama, ainda, a atenção para o uso do advérbio *absolutamente*, como um elemento que também pode ser usado para reforçar tanto a afirmação quanto a negação (cf. op. cit. 318):

*Você ficou **absolutamente** doido* (afirmação)

*Este conceito é o atual, o novo, o em voga naturalmente até que surja algum outro que o substitua, se surgir, porque **absolutamente NENHUMA** coisa, no curso do tempo, tem sido estável na própria contabilidade.* (negação)

Com relação à negação como operação pragmática, Neves (2000) afirma que, na interação lingüística, a negação tem fins comunicativos e que um desses fins é fornecer uma informação, quando solicitada pelo interlocutor (real ou virtual). De acordo com a autora, do ponto de vista comunicativo,

os enunciados negativos não são empregados primariamente para expressar informação nova, mas sim para assentar uma manifestação acerca de informações já expressa, ou supostas na interação lingüística.

(op. cit. 330)

A autora apresenta a negação na interação sendo utilizada com os seguintes fins:

1) polemizar, após um enunciado afirmativo:

a) refutando

- *Chega até a ser engraçado...*
- *NÃO vejo graça nenhuma*

b) retificando

- *É por causa do quarto (...)*
- *NÃO é quarto, não, é vaga.*

2) ratificar, após um outro enunciado negativo

- *Doutor, qualquer coisa que aconteça, NÃO vou esquecer!*
- *NÃO esquecerá...*

Para Neves (2000: 330-331), se o jogo entre negação e afirmação for relativo ao próprio enunciado, pode-se configurar uma negação metalingüística, sendo empregada para:

valorizar, ou desvalorizar

Pedro é meio lelé, mas NÃO é tanto.

b) rejeitar uma implicação (geralmente num contexto adversativo)

Pode ser destemperada, mas NÃO é burra.

c) rejeitar um enunciado

Não pense você que ele veio ao Brasil (e NÃO para o Brasil) por medo de Buonaparte, o covarde.

A autora, no último tópico do capítulo sobre a negação, apresenta o conceito de foco da negação.

*Informativamente, pode-se falar em **foco da negação**, entidade sem estatuto na estrutura sintática da **oração**, que, entretanto, é uma porção do **enunciado** determinada pela interação de enunciados particulares em contextos particulares, sendo sua interpretação guiada, em maior ou menor extensão, pela **entoação**, que a linguagem escrita busca, de alguma forma, registrar. A **entoação** destaca partes do enunciado, estabelecendo a base para uma avaliação dos blocos de informação, em termos de **novo e dado**.*

(op. cit. 331)

O foco da negação, segundo Neves (2000: 331), ocorre, portanto, com uma marca entonacional, podendo ser individualizado por meios gramaticais ou por informações contextuais. Além da entoação, este foco é indicado

- a) pelo contraste com um elemento do mesmo tipo, como em

*Também **NÃO** compra mais **vagem manteiga**, compra **vagem macarrão**.*

- b) pelo emprego de elementos focalizadores, como em

Nem mais um movimento, um arfar.

- c) pelo deslocamento de palavras negativas para a esquerda

*A **NINGUÉM** ouvia, a **NINGUÉM** reconhecia e a **NINGUÉM** se dirigia.*

- d) por mecanismos de realce da informação, como por exemplo, a clivagem

***Não foi** com esse homem que sabe tudo e discute política **que** eu casei.*

A descrição de usos do português acerca da negação, apresentada por Neves (2000), é, sem dúvida alguma, um dos trabalhos mais exaustivos e completos que se tem sobre o assunto no Brasil.

Nesta nossa pesquisa, pretendemos ampliar este universo descrito por Neves (2000), descrevendo usos outros dos elementos formais de negação, com valor negativo ou não, analisando as estratégias discursivas escolhidas pelos falantes nativos para a construção dos atos de negar, interpretando as razões pelas quais tais escolhas foram feitas, com base nos objetivos sócio-culturais buscados na interação, e, por fim, apresentando considerações sobre o assunto pesquisado em nível pedagógico no processo de ensino aprendizagem, sobretudo, de PLE.

3.1.2 O conceito de negação em PLE

No que diz respeito ao ensino de PLE, encontramos, basicamente, os mesmos tipos de problemas que a tradição gramatical em PLM não apontam. O aprendiz de PLE, ainda que, muitas vezes, "aprenda", decorando, as formas lingüísticas, geralmente não desenvolve a competência discursiva, imprescindível para compreender e produzir os enunciados da língua, de acordo com a construção e utilização das inúmeras estratégias lingüísticas possíveis de serem realizadas em diferentes contextos situacionais.

Esta competência discursiva deve ser entendida do ponto de vista geral do conceito de pragmática. Ou seja, se, por um lado, alguns autores concebem a pragmática, segundo o conceito chomskiano, como, presumivelmente, parte da competência lingüística (cf. Levinson, 1983 e Widdowson, 1979), outros a concebem como parte do desempenho (cf. Katz, 1978 e Wilson, 1975). A pragmática geral, segundo Leech (1983), deve ser vista como um estudo das condições gerais do uso comunicativo da linguagem. Este uso inclui não só os estudos lingüísticos em nível gramatical com fins pragmáticos (*pragmalinguist*), mas também um estudo mais local das condições culturais específicas da língua em uso (*sociopragmatics*) (cf. Leech, 1983: 10-13).

Portanto, para o aprendiz de PLE ou de qualquer outra língua, ter a competência discursiva significa dominar os aspectos que envolvem o imenso universo dimensional dos parâmetros definidores da pragmática geral.

Em estudo recente sobre alguns aspectos da negação, Albuquerque e Gray (1999) analisam as formas de negação tratadas na obra *Essential Portuguese Grammar*, voltada para o ensino de PLE, apontando alguns problemas relativos à descrição dos recursos formais (cf. abaixo as ocorrências de *a* a *e*) e ao não tratamento de questões discursivas (cf. abaixo as ocorrências de *f* a *k*) apresentados pelo autor abaixo citado:

Seria interessante que Prista (1966) descrevesse a ocorrência: a) do uso do não na correlação verbal; b) da expressão de negação por meio da preposição sem; c) do uso do não antes de adjetivos/participios; d) da negação indicada por prefixos; e) de alguns aspectos relacionados à entoação na negação; f) de alguns aspectos da negação relacionados ao contexto; g) de enunciados interrogativos negativos com valor afirmativo; h) do não interjeitivo; i) de negativas a convites; j) do não como rejeição a possíveis reações desfavoráveis; e k) da perda de valor negativo do elemento nada.

(op. cit. 72)

Corroborando o trabalho acima citado, apresentamos, ainda, a forma como uma outra gramática, mais atual e de expressiva referência na área de ensino-aprendizagem de PLE, coloca-se diante dos mecanismos que envolvem as estruturas de negação.

A obra *Portuguese: an essential grammar*, de Hutchinson & Lloyd (1996: 83) no capítulo *adverbs*, apresenta uma lista bastante extensa de itens lexicais que podem atuar como modificadores de um verbo, um adjetivo, outro advérbio ou de toda uma sentença. Entre estes itens, encontram-se os advérbios de negação *não* (“**no**”), *nem* (“**not**”), *nunca* (“**never**”) e *jámais* (“**never ever**”). Mais adiante (cf. p. 84), as autoras afirmam que “*adverbs of negation always precede the verb*”. (grifo nosso). E mesmo no capítulo sobre algumas particularidades de uso do português, *Additional notes on portuguese usage*, esta informação é reforçada: *advérbios negativos são colocados antes do verbo* (op.cit. 98).

O fato de apresentarem apenas uma lista de algumas expressões adverbiais com valor de negação sem apresentar nenhum exemplo de uso que possa justificar suas afirmações e de reafirmarem, categoricamente, que tais expressões são sempre pré-verbais, demonstra a ineficácia do capítulo proposto pelas autoras no que diz respeito à construção dos atos de negar. Estas informações não

correspondem à realidade funcional destes itens lexicais em contextos situacionais. Veremos ainda neste capítulo que nem sempre um *não* se comporta com valor negativo e que nem sempre utilizamos o *não* em posição pré-verbal.

Há, ainda, uma tentativa das autoras, na parte II da obra, *Language functions* (cf. op. cit. 101), de explicar, a partir de pequenos diálogos, a função básica de algumas expressões. No capítulo *Exchanging factual information*, desta segunda parte, na seção *Correcting assumptions* (cf. op. cit. 127), as autoras afirmam que

A maneira mais fácil e mais direta para corrigir uma hipótese feita por alguém direcionado ao falante é dizer Não e depois confirmar a negativa com uma curta sentença negativa. Um simples “não” para uma resposta é considerado como algo curto e mal-educado..

E exemplificam esta afirmação com o seguinte diálogo (op. cit. 127)

Não, não + verb

No, I dont/haven't.

— **Tem troco de 1.000\$00?**

Have you got change for Esc. 1,000?

— **Não, não tenho.**

No, I haven't.

O exemplo dado pelas autoras não reflete a informação de que uma resposta negativa construída apenas com o item lexical **não** é julgada como uma resposta curta e sem polidez. Devemos lembrar que o fato de respondermos a uma pergunta utilizando apenas o referido elemento, de forma direta, pode ser perfeitamente bem recebido pelo interlocutor se houver na entonação uma melodia prosódica que atenua a força da diretividade e que, com o auxílio de gestos fisionômicos, ainda permita fazer com que o enunciador demonstre preocupação, desapontamento ou vergonha diante da situação.

Obviamente, temos inúmeras expressões de polidez, e as autoras as citam (cf. op. cit. 128 – *Polite formula to introduce corrections*), que acompanham uma

resposta negativa. Contudo, não podemos afirmar que toda e qualquer resposta negativa realizada unicamente com **não** possa ser considerada deseducada.

Na seção 15, *Finding out and expressing intellectual attitudes* (cf. op. cit. 136), as autoras apresentam uma lista de expressões bastante rica para indicar as possíveis formas de questionar sobre ou expressar concordância e discordância em português. Entre outras, as autoras apresentam as seguintes expressões:

Acha (s) que sim?
Concorda?
Está (s) de acordo?
Não concorda?
Não está (s) de acordo?
Acha (s) que não
Tem/tens objeções?
Não tem/tem objeções?

Está bem.
Concordo.
Concordo plenamente.

Não senhor!
Não concordo.
Discordo.
Discordo plenamente.
Penso/acho que não

Não pode ser!
Nem pensar!
Redondamente não!

É interessante observar que o espaçamento dado entre aparentes grupos de respostas (e que nós mantivemos ao reproduzir as expressões acima) nos permite acreditar que houve algum tipo de intencionalidade por parte das autoras ao registrarem seus exemplos. Apesar de não nomearem grupos de expressões por tipo, diretas ou indiretas, por exemplo, parece-nos ter havido uma preocupação das autoras em mostrar que existem, como em quaisquer línguas, diferentes formas de se expressar uma concordância ou uma discordância. No entanto, não há nenhuma explicação que possa fazer com que o aprendiz seja capaz de escolher conscientemente a expressão mais adequada para um dado contexto.

É importante, ainda, ressaltar que em nota de pé de página, as autoras chamam a atenção para as três últimas expressões do primeiro grupo (*acha (s) que não?; tem/tens objeções?; não tem/tem objeções*). Na referida nota, há a informação de que estas expressões *são em parte expectativas de uma expressão de discordância* (op. cit. 136). Não discordamos da posição das autoras, mas chamamos a atenção para o fato de que outras expressões por elas apontadas também podem ser vistas desta forma. A expectativa da discordância pode ser percebida não apenas por uma expressão direta de discordância mas também através de informações recuperadas em um momento outro do discurso do falante (que não, propriamente, no momento da indicação da discordância pelo uso de uma dada expressão de discordância) ou, ainda, a partir de aspectos que envolvem informações extralingüísticas.

A amostragem de inúmeras estruturas lingüísticas apresentadas pelas autoras é extremamente valiosa para o professor e para o aprendiz de PLE. Muitas dessas estruturas são denominadas, segundo DeCarrico e Nattinger (1992), *lexical phrase*, ou seja,

... estes são um fenômeno lexical de múltiplas-palavras que existe em algum lugar entre o pólo tradicional do léxico e da sintaxe, convencionalizado forma/função composta que ocorre mais freqüentemente e tem mais significados idiomáticamente determinado do que a língua que é colocada toda junta a cada momento. Estas frases incluem frases curtas, relativamente fixas... cada uma associada com uma função discursiva particular....

(op. cit. p. 1)

Estas frases lexicais, ou “*chunks*”, como os autores denominam, apresentam, em nível formal, possibilidades de variação ou de descontinuidade, e são divididas em quatro grupos. Abaixo apresentamos, resumidamente, as informações sobre cada grupo acompanhadas de um exemplo ilustrativo.

a) *Polywords* - são frases curtas, canônicas ou não-canônicas⁴, que permitem variabilidade e são contínuas. São frases associadas a uma enorme variedade de

⁴ Um item lexical “canônico” é a sua forma dicionarizada, não canônico, é a sua forma flexionada.

funções, como expressar o julgamento do falante sobre o tópico em questão, relacionar um tópico ao outro, resumir tópicos de transição, e assim por diante (cf. op. cit. 38).

Exemplo:

Hold your horses (marcador de discordância)

Uma expressão fixa correspondente no português seria, possivelmente, *segura a tua onda* ou *pega leve*.

b) *Institutionalized expressions* - são frases fixas do tamanho de um período e, em geral, são canônicas, invariáveis e quase sempre contínuas. São representativas de provérbios, aforismos, fórmulas de interação social e todas aquelas expressões que o falante considera eficiente armazenar como unidades. São usadas para citações, alusões ou (com frequência) uso direto. Algumas podem ser expressões gerais usadas indiscriminadamente numa comunidade de fala (*como vai? Tudo bem?*), enquanto outras podem ser mais idiossincráticas escolhidas por indivíduos para expressar um idéia de forma mais eficaz ou agradável (*Dá um tempo; aproveite bem*). (id, ibid. 39-40)

Exemplo:

Get a life (desaprovação)

Esta expressão corresponderia a frases no português do tipo *se manca*.

c) *Phrasal constraints* – são frases curtas, canônicas ou não canônicas de tamanho médio. Elas permitem variação de categorias léxicas e frasais e são, predominantemente, contínuas (cf. op. cit. p.41).

Exemplo:

You _____ (desaprovação – insulto)

(*you creep, you jerk*)

Expressões correspondentes no português seriam *seu cretino, seu safado*.

d) *Sentence builders*- são frases fixas que apresentam o mesmo tipo de estrutura de períodos completos. Contêm espaços para padrões ou argumentos de forma a

expressar uma idéia integralmente. Podem ser canônicas e não-canônicas e permitem uma variação considerável dos elementos. Podem, ainda, ser contínuas ou descontínuas. (cf. op. cit. 41-42)

Exemplo:

Not only X, but also Y - (relators)

(not only was her mother injured in the accident but also her father)

No português esta expressão corresponderia a *não apenas X, mas também Y*

Com relação aos seus aspectos funcionais, as frases lexicais são agrupadas em três categorias: *social interactions*, *necessary topics* e *discourse devices*.

Interações sociais são marcadores que descrevem as relações sociais. Tópicos necessários são aqueles tópicos sobre os quais o aprendiz será questionado, ou aqueles que eles necessitarão falar freqüentemente... Dispositivos de discurso são tipos de frases lexicais que conectam o significado e a estrutura do discurso.

(cf. op. cit. 60-65)

Segundo os autores, as frases lexicais denominadas *discourse devices* se diferenciam das outras duas categorias por apresentarem funções pragmáticas específicas. Estas frases têm a função de sinalizar, por exemplo, se a informação seguinte é um contraste (*contrast to* _____; *but look at X*), uma adição (*in addition; another thing is X*) ou uma exemplificação (*for example; it's like X*). No entanto, quando os autores apresentam a lista de exemplos que ilustram a categoria dos *discourse devices*, definida como o grupo que contempla as frases lexicais que conectam o significado e a estrutura do discurso, não há clareza na exposição dos exemplos que se comportam com valor de contraste, tal como foi afirmado anteriormente. A lista apresentada contém os seguintes tipos de *discourse devices*: **logical connectors** (*because of X*), **temporal connectors** (*the week*), **spatial connector** (*around here*), **fluency devices** (*you know*), **exemplifiers** (*in other words*), **relators** (*the others thing X is Y*), **qualifiers** (*it depends on X*), **evaluators** (*as far as I know/can tell*) e **summarizers** (*my point here is that X*) (cf. op. cit. 64-65).

Consideramos esta não explicitação uma lacuna a ser preenchida, visto que muitas expressões indicadas na gramática de Hutchinson & Lloyd (1996), no que diz respeito aos valores de oposição e contraste, poderiam ser inseridas no grupo de frases lexicais de *discourse devices*, o que nos seria muito útil na análise dos atos de negar. No entanto, a lista apresentada pelas referidas autoras e a categorização apresentada por DeCarrico e Nattinger (1992), apesar de apresentarem as lacunas acima demonstradas, nos colocam diante de caminhos que podem nos orientar dentro de uma parte do universo que envolve a construção dos atos de negar.

Por fim, a última obra analisada em PLE é o mais recente trabalho de Mário Perini. Em sua obra *Modern Portuguese – a reference Grammar*, publicada em 2002, Perini, no capítulo *Interrogation, Exclamation, Negation*, (op. cit. 432-439) discorre sobre a negação em português em contraste com o inglês. O referido autor apresenta, inicialmente, algumas considerações sobre a negação verbal e, em seguida, sobre a negação nominal e adverbial. Estas considerações são, basicamente, de natureza sintática, pois dizem respeito à posição dos elementos de valor negativo na estrutura frasal. Perini (2002), afirma, ainda, que na língua falada, são bastante comuns os casos de dupla negação e acrescenta que

*Apesar de alguma complexidade, a dupla negativa deve ser aprendida porque é um importante padrão da língua e extremamente comum na fala brasileira. Em discurso bastante informais, a primeira parte da negação deve ser omitida, assim, o segundo **não** torna-se o único marcador de negação.*

Vou lá não.

'I'm not going there.'

O barco precisa de pintura não.

'The boat doesn't need painting.'

(op. cit. 436)

Talvez fosse interessante acrescentarmos a esta explicação de Perini a informação de que estes casos são muito mais comuns na região nordeste do Brasil, sendo compreendidos, em geral, como *um recurso de eliminação da informação redundante, forma despachada e econômica da língua oral* (cf. Roncarati, 1996: 106).

Um outro aspecto apontado por Perini (2002) diz respeito à pronúncia do *não* ao negar um verbo ou quando usado como segunda negativa de um nome ou de um advérbio.

A descrição de Perini (2002), apesar de não ser extensa, é bastante útil para o falante de inglês, contudo, não traz nenhuma informação sobre a negação em nível discursivo-pragmático. Não há, por exemplo, qualquer referência ao fato de que há casos, no português do Brasil, em que usamos elementos formais de negação destituídos de valor negativo.

3.1.3 Considerações finais

A exposição do conceito de negação em PLM e em PLE nos mostra que os problemas relativos à construção da negação estão inseridos em contextos de análise que vão além de uma descrição em nível micro dos elementos formais de negação, caminhando necessariamente para uma descrição em nível macro que nos permita apresentar um conjunto bem mais amplo das formas de realização dos atos de negar em uma dada situação discursiva.

Desta forma, fica-nos a certeza de que a negação não pode ser tratada apenas a partir da descrição de seus recursos formais sem se considerar o contexto de uso destes elementos. Neste sentido, torna-se imprescindível considerarmos a relevância do aspecto dialógico para a análise de dados desta pesquisa, visto que os enunciados são construídos na relação com o outro e que os fatores lingüísticos envolvidos nessa construção são necessários mas não suficientes para que a dialogicidade se estabeleça. Portanto, é fundamental acrescentar a toda e qualquer compreensão da linguagem o aspecto contextual, pois os enunciados são produzidos em contextos socialmente organizados.

Todo enunciado é um diálogo, desde a comunicação de viva voz entre duas pessoas, até as interações mais amplas entre enunciados. O que importa é a relação entre as pessoas.

(Freitas, 1999: 135 - citando Bakthin,)

A seguir, apresentamos a categorização tipológica das ocorrências de estruturas com valor de negação, com ou sem marcas formais de negação, e de

estruturas que apresentam elementos formais de negação mas não apresentam valor negativo.

3.2 Categorização tipológica

A categorização tipológica proposta, a seguir, abrange não só as estratégias lingüísticas encontradas no processo de construção dos atos de negar, mas também a construção de formas de não negar realizadas com elementos formais de negação em um contexto de entrevistas. Esta categorização é construída a partir da análise dos seguintes conjuntos encontrados:

- 1) atos de negar com o uso de elementos formais
- 2) atos de negar sem o uso de elementos formais
- 3) atos de não negar com o uso de elementos formais

Os primeiros dois grupos acima, que apresentam valores de negação, com ou sem o uso de elementos formais, têm suas ocorrências categorizadas a partir de sua forma de realização, explícita ou implícita e direta ou indireta. Assim, a tipologia encontrada insere-se nas seguintes construções de sub-conjuntos com valor de negação:

1) Atos de negar com o uso de elementos formais		
a) Negação explícita direta (usos do termo NÃO)	Negação adverbial	a) Vinculada ao foco da pergunta b) Desvinculada do foco da pergunta c) Vinculada à parte do discurso do enunciador d) Vinculada à parte do discurso do enunciador acompanhado de QUE e) Vinculada à intensificação da negativa

b) Negação implícita direta (usos de conjunções, pronomes e itens lexicais de valor negativo)	Negação conjuncional Negação pronominal Negação lexical
c) Negação explícita indireta (usos de estratégias discursivas construídas com ou seguidas de elementos formais de negação)	Negação com uso de: a) estruturas prefaciadoras - estratégias de envolvimento relativas ao foco da informação - estruturas de perguntas reformuladas ou questionadoras impositivas - estruturas portadoras de cláusulas de opinião - estruturas reveladoras de informações inferenciais - elementos atenuadores
2) Atos de negar sem o uso de elementos formais	
a) Negação implícita indireta (usos de estratégias discursivas sem o uso de elementos formais de negação)	Negação com o uso de: a) estruturas prefaciadoras b) estruturas de perguntas reformuladas ou questionadoras impositivas c) estruturas reveladoras de informações inferenciais d) elementos caracterizadores de concordância relativa e) estruturas discursivas indicadoras de pressuposição f) itens lexicais indicadores de pressuposição de julgamento de valor negativo g) estruturas atenuadoras

3.2.1 Atos de negar com o uso de elementos formais

Os atos de negar com o uso de elementos formais estão inseridos, como já afirmamos, nos seguintes sub-conjuntos: negação explícita direta, negação implícita direta e negação explícita indireta.

A negação explícita direta é de natureza adverbial realizada unicamente com o uso do elemento *não*, relativo a uma dada parte do discurso, sendo seguido ou não de estruturas negativas. Ou seja, o elemento *não*, com valor de negação, é utilizado ora no nível sentencial, negando parte do enunciado ou toda a estrutura oracional, ora no nível discursivo, quando a negação extrapola o nível lingüístico e só pode ser compreendida a partir da recuperação da parte do discurso que está sendo negada.

Em capítulo sobre a negação no português europeu, Mateus *et alli* (1994) apresentam os adverbiais de negação *não*, *nunca* e *jamais* como elementos de explicitação de negação, realizados unicamente em posição pré-verbal. Informam, ainda, em nota de pé de página, que no português do Brasil admite-se o uso de *não* em posição pós-verbal. No entanto, as autoras não comentam a possibilidade de este elemento ser utilizado com valores outros que não constituem uma negação.

Em nossos dados, a ocorrência do elemento *nunca* foi observada apenas duas vezes e a do elemento *jamais*, nenhuma. Portanto, visto que a utilização destes itens lexicais, no nosso *corpus*, é mínima, não consideramos relevante incluí-los como construtores de negação explícita direta, como se tivessem a mesma natureza de *não*.

Chamamos de negação implícita direta os atos de negar realizados com o uso de todos os outros elementos formais indicadores de negação com exceção do *não*. Os atos de negar deste tipo são de natureza conjuncional, pronominal e lexical. Mateus *et alli* (1994) discorrem sobre dois destes três tipos de negação: a pronominal e a lexical. Segundo as autoras, a negação pronominal é “um tipo de negação que é sempre universal e em que o elemento negativo se encontra formalmente implícito no SN, não permitindo negação do V” (op. cit. 113). Os exemplos por elas apresentados são:

- a) *Ninguém quer ir à praia.*
- b) **Ninguém não quer ir à praia.*

Nesta pesquisa, trabalhamos, na negação pronominal, com os elementos *ninguém*, *nenhum* e *nada*, tradicionalmente tratados como pronomes indefinidos de valor negativo (cf. Cunha & Cintra, 1985: 350)

Quanto à negação lexical, Mateus *et alli* (1994) apresentam duas ocorrências: 1) com prefixação de sentido negativo (*ab*; *abs-*; *a-*; *de-*; *des-*; *in-*; *i-*; *ir-*; *anti-*) e 2) com unidades lexicais (verbos do tipo *esquecer*, *faltar*, *morrer*, *prejudicar*, *impedir*, *renunciar*, *contrariar*). As autoras, nesta última ocorrência, apresentam apenas um conjunto de verbos portadores de sentido negativo. No entanto, observamos que unidades lexicais de naturezas outras podem apresentar valor negativo; por esta razão, acrescentamos a este tipo de ocorrência certas preposições acidentais do tipo *fora* e *exceto*.

É importante, ainda, ressaltar que as autoras chamam a atenção para o fato de que deve-se notar que a modificação introduzida pela prefixação de sentido negativo exprime, por vezes, uma modalidade contrária (*decrecer não é sinônimo de crescer*) e outras vezes uma modalidade contraditória (*impossível é sinônimo de não possível*). (cf. op. cit. 113)

A negação conjuncional, por sua vez, é realizada com o uso de elementos de valor oposicional ou concessivo. A tradição gramatical apresenta uma descrição destes elementos; são eles: *mas*, *embora*, *contudo*, *entretanto*, *porém* entre outros. No entanto, mais uma vez, apesar de também trabalharmos nesta pesquisa com um conjunto de itens já tradicionalmente descritos, também consideramos que esta descrição não é satisfatória pelo fato de não nos fornecer informações sobre a possibilidade de encontrarmos estes mesmos valores — oposicional e concessivo — em elementos outros que não os já tradicionalmente considerados. A compreensão dos referidos valores em outras categorias gramaticais só pode ser efetivada se levarmos em conta o contexto de realização destes elementos no discurso. Para isso, precisamos ir além do nível sentencial, observando que a escolha de determinados adversativos, sejam eles tradicionalmente considerados ou não, carregam em si toda uma informação cujo alcance ultrapassa os limites da frase e, em muitos casos, manifesta-se como um processo de modalização atenuadora de desacordo (cf. CAPUCHO, 2000). Nesta

pesquisa, encontramos, por exemplo, com bastante frequência, o elemento *agora*, considerado pela tradição gramatical como um elemento de valor temporal, apresentando o valor de idéia contrária.

A negação explícita indireta é realizada com estruturas 1) prefaciadoras, com desvio de foco da informação ou com estratégias de envolvimento relativa ao foco da informação; 2) reformuladoras de perguntas ou questionadoras impositivas; 3) portadoras de cláusulas de opinião ; 4) reveladoras de informações inferenciais construídas com expressões fixas (idiomáticas ou formulaicas)⁵ e 5) reparadoras. Todas as estruturas acima são seguidas de estruturas formais de negação ou construídas com tais estruturas.

Entendemos ser explícito este tipo de negação porque tem o elemento formal indicador de negação e indireta porque não vai direto ao foco da questão discutida; há sempre, anteposto ao elemento formal que explicita a negação, um discurso outro que carrega em si objetivos sócio-interacionais. Estes objetivos serão tratados mais tarde no capítulo 4 - Análise interpretativa dos dados.

Passamos, agora, para os exemplos que ilustram os atos de negar envolvidos nestes tipos de ocorrências apresentados acima. Por não termos o objetivo de realizar uma pesquisa quantitativa, é importante dizer que temos na categorização abaixo apenas um exemplo para cada tipo encontrado. O que não significa afirmar que encontramos apenas uma ocorrência de cada tipo de ato de negar apresentado a seguir.

3.2.1.1 Sub-conjunto 1 – A negação explícita direta

A negação explícita direta é realizada apenas com a utilização do item lexical *não*. Segundo Mateus *et alli* (1994), este item, por seu caráter globalizante na produção de sentido negativo, é considerado o elemento de constituição do processo de negação dentro do sistema da língua portuguesa. As autoras apontam

⁵ Entendemos por expressões fixas frases comumente qualificadas de proverbiais, idiomáticas ou compostas. A noção intuitiva do termo “fixa” se aplica a quase todas as categorias de palavras, como nomes, verbos e advérbios. Estas expressões podem ser: 1) Frases inteiramente fixas e provérbios; 2) Interjeições; 3) Frases de sentido figurado (aqui cabem quase todos os usos idiomáticos e de gíria com relação a elementos já existentes no léxico de uma língua) e 4) Vocabulário técnico. (cf. Gross, 1982). A expressão formulaica é um tipo de frase fixa que indica ao ouvinte a intenção do falante quanto à sua participação na conversação (cf. Tagnin, 1989). Por sua vez, a expressão idiomática, tendo o seu uso cristalizado ao longo da História, aumenta o valor argumentativo dos enunciados e desencadeia noções como a partilha e a convivência, acentuando o êxito da comunicação e tecendo relações mais profundas entre os intervenientes. (cf. Jorge e Jorge, 1997)

as ocorrências do elemento *não*, de acordo com a norma-padrão de Portugal, apenas em posição pré-verbal. Contudo, em nota de pé de página, afirmam que a norma brasileira admite o uso exclusivo de *não* em posição pós-verbal.

Neves (2000), por sua vez, afirma que

O operador NÃO é, via de regra, anteposto à parte do enunciado sobre a qual incide, mas, em enunciados mais marcados e para efeitos comunicativos, especialmente num registro mais coloquial ou popular, esse elemento pode vir no final do enunciado.

(op. cit. 286)

Nesta pesquisa, não há, em princípio, uma preocupação em descrever o posicionamento dos itens lexicais de valor negativo no processo de construção das estruturas linguísticas. No entanto, este aspecto ser-nos-á pertinente para a interpretação das escolhas de dadas estruturas na construção dos atos de negar. Se há, como Neves (2002) aponta, uma escolha do falante para posicionar o elemento formal para que se tenha um determinado efeito comunicativo, obviamente, esse dado será, pragmaticamente, relevante para a análise interpretativa de tal uso.

Em nossos dados, encontramos o uso do elemento *não* tanto na posição pré quanto pós-verbal, o que ratifica a afirmação de Mateus *et alli* (1994) e de Neves (2000).

a) Pré-verbal

(1)

- 844 AHS: Eu acho que a tv a cabo..
 845 LN: [É uma possibilidade
 846 às vezes de buscar outras alternativas,
 847 mas ainda **não é** o ideal.
 848 AHS: Não é o ideal
 849 Eu acho até que a tv a cabo
 850 tem de inclusive
 851 buscar mais produções independentes

b) Pós-verbal

(2)

- 1849 LN: Ô MF, você tá ouvindo, né?
 1850 Todos esses elogios são pra você!
 1851 **Liga não**, ele é do bem!

3.2.1.1.1 Negação adverbial – usos de *não*

a) Vinculado ao foco da pergunta

a1) Em resposta elucidativa, seguido de estrutura negativa

Neste caso, o *não* é uma resposta elucidativa, que objetiva esclarecer uma dúvida do entrevistador.

(3)

- 2313 DM: ...E na mulher geralmente a queda é de tudo..
 2314 LN: [Abre uns buracos então?
 2315 DM: **Não.**
 2316 Não chega a fazer buraco não.
 2317 Até assim a queda em clareiros,
 2318 a gente at é desconfia de sífilis
 2319 de outras doenças...

a2) Em resposta a pedidos, seguido de estruturada reparadora

O elemento *não* está relacionado à negação direta de um pedido de permissão para falar nomes comerciais, seguido de uma estrutura reparadora que permite ao questionador uma (co)participação na construção da resposta negativa.

(4)

- 2336 DM: O tratamento aí depende da causa.
 2337 Quando é..
 2338 é pra () genética feminina,
 2339 então a gente tenta geralmente com loções capilares.
 2340 Pode tentar também com algumas medicações orais,
 2341 por exemplo, eh:.
 2342 Tem até anticoncepcional
 2343 que melhora a queda de cabelo ()
 2344 a gente pode falar nome comercial?
 2345 LN: [Não,
 2346 **melhor não, né?**
 2347 DM: Melhor não.
 2348 LN: [Até porque
 2349 as pessoas vão sair comprando.

b) Desvinculado do foco da pergunta

No exemplo a seguir, o elemento *não* está desvinculado da pergunta-tema do programa feita por LN. O referido elemento, que inicia a resposta de AR, está relacionado à resposta de MF, participante que tinha respondido anteriormente. O ato de negar, portanto, que apresenta um valor de discordância ao hábito de MF de ver/ler a publicidade, é relativo a uma parte do discurso e só pode ser compreendida porque a informação negada pôde ser recuperada dentro do contexto interacional.

(5)

- 38 MF: <Como eu vejo assim,>
 39 tem novela que eu gravo
 40 porque eu nunca estou em casa no momento,
 41 eu não vejo, <na realidade assim>,
 42 quando chega o comercial eu avanço com o vídeo
 43 até chegar o outro bloco do capítulo...
 44 LN: [Só vê tv gravada?
 45 MF: Só, porque eu chego em casa nove e pouca ((risos do entrevistado
 46 e da entrevistadora))
 47 LN: [Não dá tempo né?
 48 Ana?
 49 AR: **não**,
 50 eu gosto de ver,
 51 depende é da publicidade né?
 52 tem umas que são interessantíssimas
 53 outras que são chatíssimas
 54 os chatíssimos
 55 eu pumba pulo fora

c) Vinculado a parte do discurso do enunciador

Este tipo de ocorrência com *não* já é descrito pela tradição gramatical. Cunha & Cintra (op. cit. 529) consideram-no como advérbio de negação, ou seja, como um elemento que pode incidir sobre o verbo, o adjetivo e ou próprio advérbio. Rocha Lima (1994: 177), por sua vez, considera este elemento como palavra denotativa, que pode incidir sobre quaisquer palavras que queiramos marcar negativamente. No exemplo a seguir ocorre a negação de um elemento do enunciado, a saber, um substantivo. Visto que a incidência da negação não está

sobre nenhuma das três classes de palavras descritas pela tradição gramatical, a definição de Rocha Lima, por ser mais abrangente, é a mais adequada à proposta desta nossa pesquisa.

(6)

- 128 LCP: No caso dos cigarros, é::
 129 nós estamos enfatizando a questão
 130 em que a mídia tem que ser dirigida ao público jovem,
 131 então a mídia tem que ter como objetivo..
 132 perdão tem que ser ao contrário,
 133 PNI [ao contrário
 134 <Exatamente.>
 135 Muito obrigado.
 136 A mídia tem que ter extremo cuidado
 137 para não atingir diretamente os jovens;
 138 ela deve ter como objetivo principal,
 139 os adultos.
 140 Nós estamos também abrangendo agora na questão de restrições,
 141 o **não** uso a qualquer tipo de apelo
 142 relativo aos esportes olímpicos <e cigarros>,

d) Vinculado a parte do discurso do enunciador, acompanhado de QUE

Nesta ocorrência, o elemento *não* seguido de *que* indica a negação não de um elemento da estrutura oracional ou da oração em si, mas de parte da argumentação do próprio enunciador.

Este tipo de estrutura, segundo Neves (2000), corresponde à estrutura *NÃO É QUE*, correspondente a uma negação predicativa oracional. No entanto, para a autora, se há a ocorrência de quantificadores do tipo *algum(ns)*, *muitos*, *todos*, *etc* no sujeito, *é sobre a quantificação que a negação age, não sobre a relação entre o sujeito e o predicado*. (op. cit: 296). Vejamos um dos exemplos da autora:

Não que alguém precisasse ficar sabendo.

Em um levantamento realizado, pela internet, através de mecanismos de busca para recuperar o uso da referida estrutura em artigos do Jornal do Brasil, observamos que este tipo de ato de negar é usado, basicamente, na modalidade oral e acompanha, em sua grande maioria, expressões adversativas, indicadoras de

idéias contrárias, como *mas* e *pelo contrário* (cf. Anexo 2). Este fato também é apontado por Neves (2000), que afirma que

as construções com a estrutura NÃO (É) QUE + sujeito + predicado vêm freqüentemente seguidas de segmentos que, de algum modo, colocam alguma outra coisa no lugar daquilo que foi negado..uma oração ou um outro enunciado adversativo, que vem em compensação ao que é rejeitado no segmento anterior

NÃO QUE ela se incomodasse com política, porém existia um abafamento geral que pesava, e Yvone não gostava da situação.

NÃO QUE estivesse com raiva, mas o garoto não parava.
(op. cit. 298)

Neves (2000: 297), afirma, ainda, que a estrutura *NÃO QUE* é um tipo de construção argumentativamente mais marcada, seguida de uma oração encaixada, que ocorre normalmente com verbo no subjuntivo. Por outro lado, a estrutura *NÃO É QUE* é um tipo de construção argumentativamente mais neutro e pode ter valor basicamente informativo. Neste caso, na oração encaixada, há a ocorrência de verbo no indicativo ou no subjuntivo. A ocorrência encontrada em nossos dados foi, segundo Neves (2000), a de valor argumentativo mais marcado.

(7)

- | | | |
|-----|------|--|
| 206 | LN: | <u>Ferindo!</u> |
| 207 | | Esse é o grande objetivo que o CONAR pretende.. |
| 208 | | cada vez mais difundir, |
| 209 | | e creio que em grande parte a minha presença |
| 210 | | hoje nesse programa se deve a isso também, |
| 211 | | a esse desejo nosso de divulgar isso cada vez mais. |
| 212 | | De que a iniciativa venha do próprio povo consumidor |
| 213 | | e deixe de ser tanto do CONAR. |
| 214 | | <Não> que o CONAR queira parar de abrir processo, |
| 215 | | [Ferindo!] |
| 216 | LCP: | pelo contrário... |
| 217 | LN: | [Ele quer abrir uma parceria |
| 218 | LCP: | Ele quer abrir |
| 219 | | uma parceria. |

e) Vinculado à intensificação da negativa

O processo de intensificação de negativas descrito por Mateus *et alli* (1994: 14), assim como, o processo de reforço da negação apontado por Neves (2000: 317) apresentam exemplos que se limitam a descrever esta ocorrência de negação a partir da utilização de asserções construídas com pronomes indefinidos (*De modo algum...; Eles não gostam nada*). Este tipo de ocorrência foi observada em nossos dados:

(8)

2143 RM: Nossa...olha,
 2144 acho que tem..
 2145 acho que não dá..
 2146 às vezes cinquenta às vezes setenta,
 2147 às vezes oitenta,
 2148 esse mês tá uma loucura na minha vida de show
 2149 **Não paro de jeito nenhum.**

A repetição do elemento *não* como intensificador de negativas é exemplificado, por Mateus *et alli* (1994), em nível de atos ilocutórios indiretos, com o recurso a perguntas, *tags*, (*Tu não vais fumar antes do jantar, pois não?*). No entanto, em nossos dados ficou evidenciado que a utilização do referido termo em *tags* não necessariamente apresenta caráter intensificador, como veremos mais adiante (cf. cap. Análise Interpretativa dos Dados), e que a repetição de *não*, no processo de intensificação da negação, ocorre, com bastante produtividade, em estruturas assertivas, tal como ocorre no exemplo a seguir.

(9)

2238 LN: "Eu fico sabendo desses produtos mas **não** saio comprando **não!**"

3.2.1.2 Sub-conjunto 2 - A negação implícita direta

3.2.1.2.1 Negação conjuncional

A negação conjuncional é realizada a partir do uso de elementos de valor adversativo, que exprimem oposição, contraste e compensação de pensamento, ou

concessivo, que exprimem, em períodos compostos por coordenação ou subordinação, um fato contrário.

A tradição gramatical apresenta um amplo conjunto de elementos formais que se comportam com os referidos valores, como por exemplo *mas*, *porém*, *todavia*, *entretanto*, *contudo*, *no entanto*, *embora*, *ainda que*, *mesmo que*, *posto que*, *bem que*, *se bem que*, *por mais que*, *apesar de que*, etc (cf. Cunha & Cintra, 1985). Em nossa análise, encontramos elementos outros, como o *agora*, que apesar de não ser, tradicionalmente, considerado um elemento formal de oposição ou de concessão, mas de valor temporal, comporta-se como um elemento conjuncional de valor oposicional. Sousa (1997), em estudo sobre coesão e coerência, aponta, entre outros, o elemento *agora* como um conjuntivo continuativo do discurso de valor adversativo (op. cit. 33). A seguir apresentamos dois exemplos: um com um item lexical tradicionalmente considerado e outro não.

(10)

- 314 LCP: Então você me pergunta
 315 se os advertentes do Ministério da Saúde..
 316 eu acredito para fumantes convictos e inveterados,
 317 <eu acredito que não>.
 318 Eu acredito que não((risos))
 319 **Agora..**
 320 LN: [Mas para a pessoa que não fuma ainda...
 321 LCP: para a pessoa que não fuma ainda...
 322 LN: [pode servir como um alerta...

(11)

- 487 LGR: Eu acho que na realidade, o LN,
 488 eu acho que embora exista uma regulamentação,
 489 um código de ética, né.
 490 <da publicidade,>
 491 **mas** auto-medicação deve ser desestimulada
 492 em qualquer situação.
 493 Mesmo esses remédios que não precisam,
 494 esses medicamentos que não precisam de receituário,
 495 eles não devem ser estimulados.

Chamamos a atenção, a seguir, para o elemento *nem*, que, segundo a definição dicionarizada, pode se comportar como conjunção (*E também não*) e

como advérbio (*Ele nem (não) sabe*). Este elemento, diferentemente do item lexical *não*, vem sempre em posição pré-verbal. Em nossos dados encontramos os dois tipos de ocorrências apontados pelos dicionários de PLM.

a) Como advérbio

(12)

2703 CT: Por isso que eu **nem**...
2704 **nem** teci comentários!

b) Como conjunção

(13)

2912 CT: E que se fosse tão ruim,
2913 não seria tocada há vinte e cinco anos,
2914 **nem** estaria aí a terceira geração
2915 conhecendo esse tipo de música, certo?

É importante observar que as estruturas oracionais construídas com *nem*, com valor de conjunção, serão sempre precedidas por uma estrutura oracional com *não*. (*Ele não comeu, nem bebeu*). Se utilizado com valor de advérbio, a princípio, poderíamos considerar seu comportamento idêntico ao do elemento *não*, pois, segundo os dicionários de PLM, poderíamos substituí-lo por *não*, em qualquer situação em que fosse utilizado na função de advérbio. No entanto, quando precedido, por exemplo, do advérbio de tempo *sempre*, o item lexical *nem* não pode ser substituído por *não*.

(14)

2246 LN: É!
2247 Uma marca de cigarro
2248 “Cada vez mais desconfiada com as propagandas veiculadas de
2249 todos os medicamentos milagrosos
2250 que curam desde caspa a bicho-de-pé, quanto a produtos,
2251 estes que nos são oferecidos,
2252 e que **nem** sempre correspondem àquilo
2253 que era anunciado”.Jussara, Coronel Fabriciano – Minas Gerais

Ainda com relação ao item lexical *nem*, Neves (2000) faz uma importante observação a respeito do grau de hierarquia de relevância da informação negada. A autora observa que

entre um primeiro elemento negado por NÃO e um elemento negado por NEM, pode estabelecer-se uma hierarquia de relevância, recuperável pelo contexto pragmático. O elemento negado poderá ser o mais alto ou mais baixo numa escala ideal:

Grávida é pior: aqui não cabe NEM um magro, quanto mais mulher recheada.

(op. cit. 292)

Para a autora, o estabelecimento de uma hierarquia de relevância entre os elementos *NÃO* e *NEM*, em que se leva em consideração o contexto pragmático, pode ser marcado, numa condição de extremo da escala, por elementos como *mesmo* (inclusão) – *Nunca poderia contar a ninguém nem mesmo à avó - e sequer* (exclusão) – *Vocês nem sequer se conhecem* (op. cit. 292)

3.2.1.2.2 Negação pronominal

A negação pronominal é realizada com o uso de alguns pronomes indefinidos, que, de acordo com a tradição gramatical, se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerado de modo vago e indeterminado. (cf. Cunha, 1985: 347) Os pronomes indefinidos com os quais trabalhamos nesta pesquisa são *nenhum(a)*, *ninguém* e *nada*.

É importante ressaltar que a ocorrência destes itens, quando em função de complemento de verbo, ocorrem, obrigatoriamente, com o uso do elemento *não* em posição pré-verbal (*não conheço ninguém; não tenho nada; não tenho nenhum dinheiro*).

(15)

1322 CT: [Que as pessoas falam muito na beleza e tal,
1323 mas ninguém fala também dos problemas
1324 que causam esse tipo de operação.

3.2.1.2.3 Negação lexical

Este tipo de negação é estabelecido com o uso de itens lexicais portadores de significado de exclusão. Estes itens podem ser expressos pelas, tradicionalmente, chamadas preposições acidentais, representadas por vocábulos como *exceto, menos, não obstante, salvo, tirante, fora* entre outros, pela preposição essencial *sem*, pelos prefixos com valor de negação como *ab-, abs-, a-, de-, des-, in-, i-, ir-, anti-*, ou, ainda, como já mostramos, de acordo com Mateus *et alli* (1994), por verbos que apresentam valor negativo, como por exemplo, *esquecer* e *faltar*.

a) Com preposição acidental

(16)

861 LN: Que maravilha!
862 **Fora** Cláudio Marzo lindíssimo!

b) Com preposição essencial

(17)

461 AHS: É.
462 <às vezes> a própria farmácia já vende,
463 o próprio vendedor
464 através do laboratório,
465 de dá dinheiro,
466 o próprio vendedor da farmácia já vende um produto
467 **sem** ter uma certeza.

c) Com prefixo

(18)

2233 LN: “Embora eu ache a publicidade no Brasil muitíssimo criativa,
2234 bem feita e ótima,
2235 eu desconfio de todos os produtos anunciados
2236 e não compro baseado nesses anúncios
2237 Pra mim são **inco..incomerciais**

d) Com verbo

(19)

2463 DM: E aquele implante no couro cabeludo
 2464 AR: [Pode **prejudicar**?
 2465 DM: Se pode **prejudicar**?
 2466 Olha, interlace pode principalmente
 2467 quebrar o cabelo, né?
 2468 Agora **prejudicar** em termos de queda de cabelo,
 2469 se a pessoa tiver boa higiene, não.
 2470 Não **prejudica**....

3.2.1.3 Sub-conjunto 3 - A negação explícita indireta

3.2.1.3.1 Com uso de estruturas prefaciadoras

a) Indicadoras de evasão de foco da informação

Neste tipo de ocorrência o locutor não nega diretamente. No exemplo abaixo, MF, respondendo a pergunta-tem do programa, afirma que não assiste à publicidade, desviando o foco principal da pergunta ao relacioná-la com uma asserção que justifique o tópico responsável pelo desvio. Neste caso, utiliza-se um tipo de evasão disfarçada (cf. Galasinski, 1984), na qual o foco da resposta torna-se o argumento, que não é o foco da pergunta. Em seguida, o locutor assume que não vê a publicidade, usando um elemento formal de negação.

(20)

38 MF: <Como eu vejo assim,>
 39 **tem novela que eu gravo**
 40 porque eu nunca estou em casa no momento,
 41 **eu não vejo, <na realidade assim>**,
 42 quando chega o comercial eu avanço com o vídeo
 43 até chegar o outro bloco do capítulo...

b) Indicadoras de uso de estratégias de envolvimento relativa ao foco da informação

Segundo Schiffrin (1987), um tipo de estratégia de envolvimento bastante utilizado em contextos interacionais é a narrativa de uma situação ou de um fato que ilustre o que está sendo reivindicado pelo locutor. O locutor narra uma história, relacionada ao foco da pergunta, para ilustrar o seu posicionamento diante do fato em questão, para construir, em seguida, um ato de negar com um elemento formal de negação. No exemplo a seguir, LCP constrói o ato de negar utilizando este tipo de estratégia para, depois, fazer uso de um elemento de negação.

(21)

- 282 MF: E tem algum efeito pelo menos eh::
 283 pelo que se pode comprovar
 284 a partir dessa iniciativa do Ministério?
 285 Todos os fumantes,
 286 <digamos assim?>
 287 LCP: Olha..
 288 MF: [Aquela advertência?
 289 LCP: É:: outro dia eu estava conversando
 290 com um colega meu publicitário,
 291 eu sou da área de agência de propaganda,
 292 o CONAR abrange agências , veículos, anunciantes e a sociedade
 293 civil,
 294 o que é muito importante.
 295 Nós temos as nossas diversas câmaras de divulgação,
 296 pessoas da sociedade civil, <por exemplo>,
 297 aqui no Rio de Janeiro
 298 o Gama Filho faz parte de uma banca no Rio de Janeiro.
 299 Como faz parte em São Paulo
 300 o presidente da Associação Médica Brasileira, o representante da
 301 OAB.
 302 Mas eu discutia com um colega meu
 303 da área de publicidade, na área de agências,
 304 e ele tava me contando uma história muito interessante.
 305 Que nos Estados Unidos lançaram um cigarro
 306 há uns tempos atrás, chamado “Death”.
 307 <Quer dizer>, ou seja, morte.
 308 Death.
 309 E o cigarro fez um enorme sucesso.
 310 E não contentes com isso,
 311 os fabricantes colocaram “Death of life”.
 312 < Quer dizer>, ((risos)) é a morte da vida.
 313 E o cigarro continua vendendo.
 314 Então você me pergunta
 315 se os advertentes do Ministério da Saúde..
 316 eu acredito para fumantes convictos e inveterados,

317 <eu acredito que não>.
 318 Eu acredito que não ((risos))

3.2.1.3.2 Com o uso de estruturas de perguntas reformuladas ou questionadoras impositivas

As perguntas reformuladas e as construções de perguntas impositivas são ocorrências de atos de negar construídos com elementos formais de negação e exigem do interlocutor uma resposta ou um posicionamento de caráter objetivo e concreto. Muitas vezes, este tipo de ocorrência se realiza porque há algum tipo de insatisfação com a resposta, muitas vezes imprecisa, do locutor ou porque o questionador quer dar mais clareza ao tópico que está sendo negado. Neste último caso, a pergunta é construída, muitas vezes, com mais de um elemento de negação, para que seja dada ênfase ao esclarecimento pretendido.

É importante ressaltar que não descartamos a hipótese de construção de uma pergunta que apresente, simultaneamente, uma estrutura de reformulação de pergunta e de questionamento impositivo.

a) Pergunta reformulada – insatisfação com a resposta

No exemplo a seguir, LN faz uma pergunta a DM e tem como resposta uma estrutura marcada pela indiretividade, manifestada pelo uso do elemento *olha* e da pausa que acompanha o elemento formal de negação *não*. Assim, antes de DM dar prosseguimento a sua resposta, LN a interrompe e reformula a pergunta com o objetivo de ter uma resposta direta.

(22)

2589	LN:	[E mulher também pode implantar cabelo
2590		que nem os homens?
2591	DM:	Olha, não....não é...
2592	LN:	[Pode mas não deve?
2593	DM:	Não
2594		Porque o problema do implante é..
2595		é que você retira de uma área
2596		e coloca na outra

b) Questionamento impositivo – esclarecimento do tópico negado

O questionamento impositivo apresentado a seguir é um recurso utilizado por LN para informar ao público em geral que não é recomendável o uso do silicone de forma indiscriminada. A pergunta de LN, ainda que dirigida a LGR, objetiva esclarecer o tópico negado referente ao discurso de CT.

(23)

- 1413 LGR: <Se me permite,>
 1414 eu vou te explicar um fato
 1415 que nós fomos chamados à emergência de um hospital público
 1416 há um tempo atrás
 1417 e que tinha um paciente,
 1418 um travesti,
 1419 que tinha recorrido a uma clínica entre aspas,
 1420 no subúrbio,
 1421 de..de aplicação de silicone
 1422 As pessoas que não eram preparadas para isso,
 1423 algumas pessoas que trabalharam em hospital
 1424 uma e que se intitulavam então,
 1425 auxiliares de enfermagem,
 1426 mas nem isso eram
 1427 E aplicavam silicone industrial,
 1428 dessa que vende em posto de gasolina
 1429 E fizeram a aplicação na nádega do paciente
 1430 pra aumentar isso
 1431 e obviamente,
 1432 foi uma catástrofe, né?
 1433 O paciente chegou no hospital acéptico,
 1434 né, e por pouco não morreu
 1435 Foi pra UTI,
 1436 tomou antibiótico....
 1437 e pra tirar esse silicone é um inferno,
 1438 porque ele se deflue de uma tal maneira....
 1439 CT: [É, espalha...
 1440 LGR: Que forma como se fossem pequenos tumores
 1441 nas películas
 1442 nas moléculas de silicone
 1443 que nós chamamos de siliconomas,
 1444 e é praticamente impossível de você tirar isso
 1445 uma por uma
 1446 Às vezes você tem que tirar um pedaço inteiro
 1447 LN: [Que horror!
 1448 LGR: Da ...da nádega,
 1449 Enfim daquela área que foi.....
 1450 CT: Pra você vê,

1451 uma vez estava no meio da buchecha,
 1452 vai descendo assim oh,
 1453 olha é horrível!
 1454 ((TODOS FALAM JUNTOS))
 1455 AHS: Traficando pela madrugada....
 1456 CT: Pela madrugada...
 1457 AHS: que gravava as pessoas,
 1458 os travestis traficando...
 1459 CT: Traficando....
 1460 AHS: Então aquilo ali pegava uma agulha assim,
 1461 com uma grossura,
 1462 e colocavam aquilo....
 1463 era uma coisa brutal!
 1464 CT: Ia botando silicone e espalhando,
 1465 botando e espalhando
 1466 Botando no rosto,
 1467 botando no seio..
 1468 ((TODOS FALAM JUNTOS))
 1469 LN: **Não é pra fazer de jeito nenhum,**
 1470 **né Romano?**
 1471 Que fique claro isso!
 1472 LGR: Pelo amor de Deus!
 1473 LN: Pelo amor de Deus!

3.2.1.3.3 Com o uso de estruturas portadoras de cláusulas de opinião

Este caso apresenta a inserção de uma estrutura de valor negativo referente à opinião do próprio enunciador sobre um dado assunto, durante a exposição de suas idéias.

(24)

419 LCP: Funcione.
 420 Porque o dia que não existir,
 421 Eh:: que ninguém...alguém não respeitar,
 422 isso cai por terra.
 423 Então essa história de entrevistas de médicos sobre tratamentos
 424 fantasiosos de cura <**não sei do quê**>,
 425 as próprias aplicações plásticas de silicone
 426 e outras mágicas feitas na área de plástica.
 427 Tudo isso que tem um conteúdo,
 428 mesmo que não tenha um anúncio ali,
 429 no final o endereço,
 430 se for pago, se tiver fatura,
 431 é responsabilidade do CONAR

3.2.1.3.4 Com o uso de estruturas reveladoras de informações inferenciais

Este tipo de negação ocorre com a utilização de expressões fixas, (formulaicas ou idiomáticas), que só comportam informações inferenciais perceptíveis se conhecidas pelos participantes da negociação discursiva.

A compreensão da inferência, ou seja, daquilo que usamos para estabelecer uma relação, não explicitada na estrutura lingüística, entre duas ou mais partes do discurso, é fornecida pelo conhecimento de mundo que os interlocutores compartilham. Neste tipo de conhecimento, segundo Koch (1995), o estabelecimento do sentido só é possível porque os usuários da língua realizam processos cruciais para a compreensão, como: a) a construção de um mundo textual, b) o relacionamento de elementos do texto, aparentemente sem relação, através da inferência; c) o estabelecimento da continuidade de sentido, através do conhecimento ativado pelas expressões do texto na forma de conceitos e modelos cognitivos e; 4) a construção da macroestrutura. Para a referida autora, “o conhecimento de mundo é visto como um dicionário enciclopédico do mundo e da cultura arquivado na memória” (op. cit. 61). Vejamos os exemplos a seguir:

a) Com o uso de expressão formulaica

CT utiliza uma frase fixa, a partir do uso de uma expressão formulaica para formular uma resposta negativa à pergunta de LN acerca de uma possível queda de cabelo em CT.

(25)

- 2696 LN: [Ok DM!
 2697 *Vamos esperar () tá?*
 2698 LN: Cabelos aí tem caído? (LN virando-se para CT)
 2699 CT: **Nem pensar!**

b) Com o uso de dito popular

A partir do uso de um outro tipo de frase fixa, o ditado popular, um telespectador envia por fax uma resposta negativa para a pergunta-tema do programa.

(26)

1642 LN: Estamos de volta com Sem Censura
 1643 perguntando hoje se você acredita na publicidade
 1644 que você vê ou que você lê
 1645 Não confio muito na publicidade
 1646 porque fui enganada várias vezes por campanhas publicitárias!”
 1647 Essa é a Analândia Aguiar ela reclama especialmente de um telefone
 1648 “Dá nojo, são mentirosos! ”
 1649 <Tá brava à beça ela!>
 1650 “ () sem contar que ele paga várias vezes o produto anunciado!”
 1651 É o protesto aqui dela
 1652 “Confio na publicidade que vejo hoje,
 1653 mas sempre com um pé atrás!
 1654 **Nem tudo que reluz é ouro!”**
 1655 Diz o Ricardo Belo, desenhista de Belo Horizonte

3.2.1.3.5 Com o uso de elementos atenuadores

Neste caso, a negação é construída com a utilização de verbos modais, como *dever* e *poder*, e de tempos verbais, como o futuro do pretérito, para atenuar a força da negação com a anteposição do elemento *não*.

(27)

1261 LG: Eu acho que isso é uma questão
 1262 que **não devia ser tratada dessa forma**,
 1263 mas hoje já até discutimos com conhecimento.
 1264 Isso tem que se regulamentar de alguma forma

3.2.2 Atos de negar sem o uso de elementos formais

3.2.2.1 Sub-conjunto 4 - A negação implícita indireta

Dos quatro sub-conjuntos inseridos nos grupos que constituem os atos de negar, apenas a negação implícita indireta não apresenta elementos formais de negação.

Similar à negação explícita indireta, este tipo de negação também pode ser construído com o uso de estruturas prefaciadoras, reformuladoras de perguntas ou questionadoras impositivas, portadoras de cláusulas de opinião, reveladoras de

informações inferenciais ou atenuadoras. No entanto, diferenciam-se pelo fato de a negação implícita indireta não apresentar em nenhuma parte da construção do ato de negar elementos formais de valor negativo. Também consideramos como negação implícita indireta construções discursivas que apresentam: 1) elementos caracterizadores de concordância relativa; 2) estruturas com valor pressuposicional implícito; e 3) itens lexicais indicadores de pressuposição comprometidos com julgamentos de valor negativo.

3.2.2.1.1 Com o uso de estratégia indicadora de evasão

Neste tipo de negação, o locutor utiliza estruturas que caracterizam o desvio do foco da informação e relaciona o ato de negar, realizado implicitamente, a justificativas que podem envolver hábitos e interesses próprios do locutor. Não há nenhuma expressão de valor negativo que evidencie esta negação.

(28)

57	DM:	bom,
58		eu vejo televisão
59		e leio ao mesmo tempo.
60		Então no intervalo
61		eu costumo ler alguma coisa,
62		meio de olho..
63		se for alguma coisa que interesse,
64		aí eu <u>paro</u> de ler
65		e vejo

3.2.2.1.2 Com o uso de estruturas de perguntas reformuladas ou questionadoras impositivas

Esta ocorrência também comporta-se exatamente como vimos na negação explícita indireta, contudo não há a utilização de elementos formais de negação. No exemplo abaixo, ficam evidenciados, ao mesmo tempo, a reformulação da pergunta e o caráter impositivo do questionamento. Neste caso, o elemento condicional *se* aponta para uma resposta de caráter relativo, ou seja, assim como nos casos de concordância/discordâncias relativas, esta ocorrência de resposta nega parte do foco da pergunta inicial.

- (29)
- 96 LN – Você costuma ver
 97 publicidade
 98 ou ler publicidade?
 99 <Te interessa ou não?>
- 100 CT: Depende,
 101 depende do assunto
 102 assim...
- 103 LN: [Se for boa você fica?
 104 É isso?
- 105 CT: Se for boa eu fico!
- 106 LN – [Tá certo!

3.2.2.1.3 Com o uso de estruturas reveladoras de informações inferenciais

Como na negação explícita indireta, este tipo de negação ocorre com a utilização de expressões fixas (formulaicas ou idiomáticas), que só comportam informações inferenciais perceptíveis se conhecidas pelos participantes da negociação discursiva. Contudo não há a presença de elemento de valor negativo na construção do ato de negar.

a) Com o uso de expressão formulaica

A expressão formulaica *O senhor há de convir* expressa de forma indireta a informação inferencial de que o discurso que a acompanha irá apresentar, na maioria das vezes, algum tipo de discordância.

- (30)
- 514 LCP: **O senhor há de convir que..**
 515 no nosso caso,
 516 nós que somos profissionais do setor,
 517 nós temos que obedecer os preceitos legais antes de mais nada
 518 Seria de estranhar que...
 519 o próprio setor publicitário recomendasse
 520 a retirada do ar de produtos
 521 que legalmente podem ser anunciados.
 522 <Quer dizer>, é uma coisa que o próprio Ministério da Saúde permite
 523 que a legislação brasileira permite
 524 e os remédios podem ser comprados

525 absolutamente à vontade nas farmácias.
 526 E talvez no futuro, em breve,
 527 poderão ser comprados em supermercados,
 528 o que afastará inclusive...

b) Com o uso de expressão idiomática

Ao responder a pergunta-tema do programa, uma telespectadora utiliza a expressão idiomática *estar(ou ficar) com um pé atrás* para expressar uma concordância relativa. Ou seja, ela não confia totalmente na publicidade que ela vê ou ouve.

(31)

1642 LN: Estamos de volta com Sem Censura
 1643 perguntando hoje se você acredita na publicidade
 1644 que você vê ou que você lê
 1645 “Não confio muito na publicidade
 1646 porque fui enganada várias vezes por campanhas publicitárias!”
 1647 Essa é a Analândia Aguiar ela reclama especialmente de um
 1648 telefone
 1649 “Dá nojo, são mentirosos! ”
 1650 <Tá brava à beça ela!>
 1651 “ () sem contar que ele paga várias vezes o produto anunciado!”
 1652 É o protesto aqui dela
 1653 “Confio na publicidade que vejo hoje,
 1654 mas sempre **com um pé atrás!**”

c) Com o uso de expressão de cunho religioso

A expressão *Pelo amor de Deus*, utilizada por LGR e por LN, confirma uma argumentação de valor negativo. A referida expressão indica que não se deve fazer em hipótese alguma o uso de silicone sem orientação médica.

(32)

1455 AHS: Traficando pela madrugada....
 1456 CT: Pela madrugada...
 1457 AHS: que gravava as pessoas,
 1458 os travestis traficando...
 1459 CT: Traficando....

1460 AHS: Então aquilo ali pegava uma agulha assim,
 1461 com uma grossura,
 1462 e colocavam aquilo....
 1463 era uma coisa brutal!
 1464 CT: Ia botando silicone e espalhando,
 1465 botando e espalhando
 1466 Botando no rosto,
 1467 botando no seio..
 1468 ((TODOS FALAM JUNTOS))
 1469 LN: Não é pra fazer de jeito nenhum,
 1470 né Romano?
 1471 Que fique claro isso!
 1472 LGR: **Pelo amor de Deus!**
 1473 LN: **Pelo amor de Deus!**

Este último exemplo, realizado com uma expressão de cunho religioso bastante utilizada em contextos espontâneos no português do Brasil, apresenta valor negativo especificamente nesta situação. A referida expressão reforça o ato de negar iniciado pela pergunta impositiva de LN (*Não é pra fazer de jeito nenhum, né Romano?*) a LGR.

3.2.2.1.4 Com o uso de elementos caracterizadores de ato de negar relativo

O ato de negar relativo ocorre em enunciados que exprimem dúvidas, incertezas ou ausência de um posicionamento mais definido por parte do falante, o que pode ter como consequência a possibilidade de negação de uma parte do enunciado. Os elementos indicadores deste tipo de ato de negar são os mesmos apresentados por Freitas (2000) quando trata da concordância e da discordância relativas, ou seja, os indicativos de dúvidas, alguns modalizadores, os recursos que retomam a deixa do ED (enunciado deixa), as expressões de frequência e os indicativos de restrições (op. cit. 44-50).

(33)

94 LN – Você costuma ver
 95 publicidade
 96 ou ler publicidade?
 97 <Te interessa ou não?>
 98 CT: **Depende,**
 99 **depende** do assunto
 100 assim...

3.2.2.1.5 Com o uso estruturas discursivas indicadoras de pressuposição

Neste caso, no discurso do locutor há informações que indicam uma pressuposição, e a negação do interlocutor é construída com base na informação pressuposicional contida no discurso do locutor. No exemplo abaixo, LCP pressupõe que o carioca não sabe que o Rio de Janeiro tem o Pão de açúcar e a estrutura com valor negativo (na verdade, de discordância), direcionada à negação da pressuposição implícita, não contém elementos formais de negação.

(34)

- 333 LCP: Do que não ter nenhum.
 334 Mas o que eu quero dizer é que os alertas,
 335 eles podem se incorporar na paisagem.
 336 É como um prédio,
 337 Que a gente vê hoje construído
 338 e que a gente acha maravilhoso,
 339 daqui a dez meses a gente passa por ali e nem lembra mais que tem
 340 prédio
 341 Sujeito conhece aquele prédio e tal?”
 342 “Não vi!” –
 343 é o prédio que a gente achava sensacional outro..
 344 vocês tem o Pão de Açúcar.
 345 <Quem é que> sabe que tem o Pão de Açúcar
 346 aqui no Rio de Janeiro?
 347 CT: [Ah,
 348 carioca sabe! ((risos))
 349 LCP: É...
 350 pode...
 351 pode cair nessa história da paisagem,
 352 é isso que eu tô querendo dizer e

3.2.2.1.6 Com o uso de itens lexicais indicadores de pressuposição de julgamentos de valor negativo

Neste tipo de ocorrência, observamos a utilização de itens lexicais que indicam pressuposição de julgamentos de valor negativo. No exemplo abaixo, se as propagandas apelam, significa que elas NÃO são confiáveis. Se sinalizam que o produto é MAU, significa que ela, a propaganda, NÃO veicula informações sobre produtos bons. Os itens lexicais *apelativa*, *apelação* e *mau* são elementos pressuposicionais que caracterizam o ato de negar.

(35)

1726 LN: ...“As propagandas são **apelativas e apelação** é sinal de **mau** produto!”
 1727 Diz () de Gravataí no Rio Grande do Sul.

3.2.2.1.7 Com o uso de elementos atenuadores

Neste caso, a negação também é construída com a utilização de verbos modais, como *dever*, *poder*, e de tempos verbais, como o futuro do pretérito, para atenuar a força da negação. No entanto, não há anteposição do elemento formal *não* a estes atenuadores.

(36)

187 LCP: Ou seja, cerca de 70 % dos processos,
 188 são iniciados por iniciativa do próprio CONAR.
 189 **Quando nós gostaríamos**
 190 que isso começasse a ser,
 191 cada vez mais, feito através do consumidor,
 192 através dos expectadores de televisão,
 193 dos leitores de jornais ou dos ouvintes de rádio.
 194 Que as denúncias partissem dos consumidores,
 195 e que não ficassem apenas aguardando o CONAR tomar uma
 196 iniciativa.

3.2.3 Atos de não negar com o uso de elementos formais

O conjunto de exemplos abaixo apresenta estruturas que contêm elementos formais de negação mas são destituídos de valo negativo. Consideramos relevante fazer o levantamento destes atos de NÃO negar construídos com elementos de negação, sobretudo com o elemento *não*, visto que estes tipos de atos parecem ser bastante utilizados no português falado no Brasil, em qualquer tipo de situação discursiva e não apenas em contextos de entrevistas.

3.2.3.1 Usos de NÃO

Os exemplos abaixo apresentam diferentes valores do elemento formal de negação *não* em situações diversas. Valores estes que só podem ser compreendidos se analisados no contexto de realização dos mesmos.

Em trabalho recente sobre o *não* sem valor de negação, Andrade (2000: 77) apresenta conclusões que demonstram que “o termo *não* pode apresentar em português valores semânticos e papéis desvinculados da noção de negação como aspecto semântico central e que, em alguns momentos, este termo não tem relação absolutamente alguma com aspectos negativos de idéias ou enunciados”.

Os exemplos, a seguir, mostram os tipos de ocorrência do termo *não* sem valor de negação encontrados em nosso *corpus*.

a) Com valor interruptor

A partir do uso do termo *não*, LN interrompe o discurso de MF não para expressar um negação mas apenas para solicitar uma informação.

(37)

- | | | |
|------|-----|---|
| 1094 | MF: | E foram milhares de votos |
| 1095 | | logo nas primeiras horas |
| 1096 | | Você vê que o tema mobiliza demais.. |
| 1097 | LN: | Mobiliza muito, né! |
| 1098 | | E as pessoas votaram em Danielle Winits |
| 1099 | | primeiro lugar, |
| 1100 | | Luma em segundo |
| 1101 | MF: | A Luma em segundo, |
| 1102 | | foi muito apertado, |
| 1103 | | e a Vera também..... |
| 1104 | LN: | [Não , pera aí! |
| 1105 | | Sheila, o quê? |
| 1106 | MF: | <u>Carvalho!</u> |

b) Com valor ratificador e/ou aditivo

Nestes casos, o elemento formal de negação *não* é utilizado para ratificar ou dar início à adição de mais algum tipo de informação ao discurso do enunciador. Poderíamos substituí-los por expressões como, por exemplo, *Sim* ou *É claro*.

(38)

1828 MF: Eu acho que sofisticaram num determinado momento..
 1829 RM: Mas o público é sábio
 1830 **Não**, você tá certíssimo,
 1831 viu MF?

39)

450 CT: Então, o pessoal vai direto e compra,
 451 o que que saiu.....não sei se você viu, o que saiu de queixa do
 452 pessoal reclamando...
 453 LCP: É...**Não**, isso eu vi mas....
 454 LN: [eu vi, eu vi....

c) Com valor introdutório de explicação

Nesta ocorrência, o *não* apresenta valor introdutório de explicação. Ou seja, ele introduz uma asserção que tem por objetivo explicitar uma informação solicitada pelo interlocutor. Poderíamos substituí-lo por expressões introdutórias de explicação do tipo *Foi assim* ou *Vou te explicar*.

(40)

2129 RM: Eu gravei!
 2130 Eu gravei ‘ Majestade o Sabiá’ em italiano para o Terra Nostra.
 2131 MF: Mas por quê?
 2132 Como é que surgiu essa idéia?
 2133 RM: **Não**, eu mostrei pro Marcelo,
 2134 que é o filho do Benedito Rui Barbosa,
 2135 e ele gostou muito
 2136 E fomos pro estúdio,
 2137 eu fui pro estúdio
 2138 Aí, falei: “vou convidar o Xitãozinho & Chororó”
 2139 e convidei os meninosAgora, a música ficou belíssima

d) Com valor positivo em expressão formulaica

O termo *não*, neste caso, é parte de uma expressão formulaica que, no português do Brasil, apresenta valor positivo.

- (41)
- 349 LN: [É...
- 350 agora me diz uma coisa....
- 351 LCP: **Pois não?**
- 352 LN: No caso dos médicos,
- 353 os médicos os dentistas
- 354 então é o próprio CREMERJ,
- 355 os conselhos regionais de medicina...

e) Com valor discursivo de apoio quando seguido da 3ª pessoa do verbo *ser* no presente do indicativo (*é*) - *né*

Neste caso, temos o uso do elemento *né*, que, segundo SOUSA (1997), é utilizado em final de asserções como um elemento interrogativo que busca o apoio da audiência mas não demanda uma resposta realizada verbalmente. O que o locutor espera é um comportamento do interlocutor que transmita a informação de que a idéia expressa está sendo acompanhada. Não se espera para este tipo de pergunta, realizada com o elemento **né**, uma resposta negativa, mas, muitas vezes, uma expressão corporal, como mexer a cabeça em sinal positivo, para indicar que o ouvinte está acompanhando o fio condutor do discurso. Em nenhuma de suas ocorrências foi encontrada uma resposta negativa, isto é, uma discordância.

- (43)
- 49 AR: não,
- 50 eu gosto de ver,
- 51 depende é da publicidade **né?**
- 52 tem umas que são interessantíssimas
- 53 outras que são chatíssimas.
- 54 os chatíssimos
- 55 eu pumba pulo fora

3.2.3.2 Uso do elemento *nem*

A decisão do falante de utilizar *nem*, onde, teoricamente, podemos usar *não*, não é aleatória: ou ocorre apenas por questões de impossibilidades sintáticas, como já apresentamos, ou por questões de intenção comunicativa do falante. No capítulo de análise interpretativa, discutiremos melhor esta questão da intenção. O que importa dizer, neste momento, é que encontramos a ocorrência deste elemento

em nossos dados, não como conjunção ou advérbio, mas como um elemento que, antecedido de *que*, apresenta valor de grau comparativo de igualdade.

(44)

2589 LN: [E mulher também pode implantar cabelo
2590 **que nem** os homens?

3.3 Considerações finais

A proposta de categorização dos atos de negar com ou sem elementos formais de negação, bem como dos atos de não negar com o uso de elementos formais de negação teve como objetivo sistematizar os diferentes tipos de construção em que se inserem não só os elementos tradicionalmente definidos como negativos, mas também as estratégias utilizadas pelos falantes nativos do português do Brasil, mais especificamente no contexto do Rio de Janeiro, em uma dada situação de interação. Este alargamento do conceito de negação, em que se abarcam importantes aspectos acerca dos usos direto/indireto e explícito/implícito das estruturas com valor negativo, permite-nos um adentramento mais profundo e sistemático no universo que envolve as razões pelas quais escolhemos um determinado tipo de estratégia discursiva para efetivamente concretizar um ato de negar. Estas razões, inseridas em contexto macro de realização, são determinadas por fatores sócio-culturais, que variam de sociedade para sociedade, e que pretendem atingir determinados objetivos interacionais. No próximo capítulo, apresentamos um modelo interpretativo dos atos de negar a partir da análise de aspectos que envolvem não só a língua mas, sobretudo, a sociedade e a cultura.